

FATORES DE CRESCIMENTO NO GRUPO

Beatriz Silvério Fernandes

Psicóloga Clínica, Membro Fundador e Docente de: Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares (NESME) e Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo – SPAGESP e Co-organizadora do Livro: Grupos e Configurações Vinculares, São Paulo, Brasil

Resumo

A proposta deste artigo é refletir sobre alguns fatores que geram crescimento/desenvolvimento psíquico dentro dos grupos terapêuticos sob a ótica da psicoterapia analítica de grupo. As observações são advindas do trabalho com grupos em consultório privado e de estudos acerca do que promove crescimento nos grupos.

Palavras-chave: grupo, coordenador, fatores de crescimento.

INTRODUÇÃO

O panorama de nossos dias revela a todos a vivência numa rede de diferenças tanto culturais como sociais. A harmonia ou o equilíbrio é um desejo da vida que se fundamenta nas relações, na aceitação mútua, assim como nos vínculos amorosos que devem ser cultivados a cada dia. É necessário cultivar uma harmonia entre os impulsos, mecanismos psíquicos e naquilo que chamamos “os outros reais externos”. Puget, apud Fernandes (2009) descreve os “os outros reais externos” mostrando que a presença de um sujeito afeta o outro sujeito, refletindo sobre o que ocorre entre paciente e terapeuta no dispositivo grupal.

Esta harmonia tem que ser construída e administrada por nós a cada dia. É pensando nestes aspectos e nos membros dos grupos que se fundamenta esta reflexão.

Certo dia - conversando com um paciente sobre seu desenvolvimento, sua qualidade de vida, capacidade de tolerar frustrações, e como ele estava diferente, mais amadurecido - comecei a pensar e escrever.

Chamou minha atenção, quando, repentinamente, com os olhos quase transbordando, fixou o olhar na minha direção e disse-me: você está me dispensando?

Confesso que fiquei paralisada, pois estávamos conversando sobre seu crescimento, no sentido de valorizar suas aquisições. Quando pude expressar esta idéia e deixar claro o seu crescimento, ele pode revelar seus sentimentos: “pensei que você ia me dispensar, logo agora que me sinto bem, que faz bem dividir as idéias no grupo, ouvir meus colegas e principalmente você”.

FATORES DE CRESCIMENTO NO GRUPO

Em outro grupo, uma jovem que tem muita dificuldade de entrar em contato com seus sentimentos, e tudo é explicado e vivido em função de sua “pressão alta” (9-6); que dificilmente consegue ter maior interesse pelo seu mundo interno, faz uma interpretação grupal que deixa a todos de boca aberta. Numa seqüência de queixas e lamentações de outros membros, ela fala ao grupo: “nossa, acho que isto que estamos falando deve ser o que sempre nos é dito como sendo uma relutância de enfrentarmos nossas dificuldades: de nos responsabilizarmos por nós mesmos, e por nossas atitudes”.

Fato interessante em outro grupo, e falha minha, chamou-me a atenção: falando sobre resistências, atrasos etc., um paciente que religiosamente atrasa de vinte a trinta minutos, mas dificilmente falta, relata. “Eu não sei o que dizer, mas se isto for para mim, não se aplica”. O grupo começa a rir e fazer piadas sobre o assunto, e ele também. Em seguida, relata: “estar aqui, ouvir vocês, saber que me aceitam com meus atrasos, com a paciência da Bia, com os meus desabafos angustiantes, me faz pensar muito... Hoje em dia eu até consigo ficar mais nervoso somente a partir de novembro (época de licitações, fechamento do ano). Aí não tem jeito.”

Teria muitos outros exemplos, mas estes já são, a meu ver, suficientes para pensar sobre o que é importante para o crescimento nos grupos. Não gosto da palavra cura. Cura pressupõe doença. Não vejo estes grupos falando de doenças, mas de desarmonia, mais ou menos acentuadas.

É preciso estar atento, persistindo na esperança de transformação individual, objetivo que o trabalho de grupo propõe a todos os seus trabalhadores: quer sejam terapeutas ou participantes de grupos terapêuticos. Trata-se de um trabalho de “formiguinhas” em que se espera que cada um tente fazer a sua pequena parte. Com o trabalho constante, a mudança ocorrerá ou poderá entrar em curso quando cada um de nós optarmos por este critério.

Observa-se que para esta finalidade seja encontrada é necessário que alguns princípios ou direcionadores se apresentem. Ao longo de meses quando o tema aparecia nos grupos, sempre lançava uma pergunta: “por que vocês acham que este processo ajuda? Falem um pouco sobre ele.” Sempre que possível fui anotando, pensando, escrevendo e pesquisando outros autores para ampliar e dar sustentação ao que ouvia de meus próprios pacientes.

PONTOS LEVANTADOS EM CONJUNTO E DIÁLOGO COM OS MESTRES

A. O primeiro item apontado por eles foi o “pensar sempre em afetos, no lugar de buscar sobressair-se ou querer impor seu próprio modelo. Esclarecem também que modelo, não seria bem a palavra, “fôrma” seria melhor, que é onde colocamos a massa de bolo e ela fica como a fôrma mandar”.

Dialoguei com dois autores neste sentido: Grotjahn e Chagoyán. Martin Grotjahn nos faz pensar na maneira como o coordenador conduz o grupo, que poderá reverter como uma experiência de crescimento:

FATORES DE CRESCIMENTO NO GRUPO

“Um relacionamento de trabalho é um relacionamento de luta e ainda assim afeiçoado; o ego saudável de um paciente luta junto com o psicoterapeuta contra o mal, o demônio, o pecado e a doença. “Pessoas que acreditam que não se pode lutar com um amigo terão dificuldade para entender a essência da aliança e trabalho terapêutico” (Grotjahn, 1996, 240)

José Luiz Chagoyán, (1987) expando sobre erros e fracassos em Psicoterapia Analítica de Grupo, relata aproximadamente: está na capacidade do analista receber um material manifesto multiplicado por x (número de membros do grupo), em seu poder dedutivo para alcançar a gestalt do grupo, em sua compreensão dedutiva e na capacidade de compreender a fantasia inconsciente, mais seu treino de síntese para alcançar a interpretação, e assim, ir trabalhando e conseguindo crescimento.

B. Acreditar que o bom e o belo são possíveis, apesar de tudo, sem passes de mágica, mas que nem sempre surge nos nossos moldes, como os filhos e os pacientes.

É preciso aqui reconhecer que abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível, por isto, exercitar-se na difícil tarefa de assimilação do outro ter direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

Cláudio Neri fala sobre favorecer uma tomada de posição mais ativa, por parte dos membros do grupo. Enfatiza o papel do terapeuta em “destacar os elementos de diferenciação e de individualidade existentes em cada um dos participantes do grupo, seus modelos, pensar e estilo próprio” (Néri, 1999, p. 190-191).

Manso Neto e Babo (2000) relatam que em psicoterapia de grupo os pacientes participam do processo de finalização. Todos oferecem suas avaliações, e que esta interação que o grupo propicia fornece elementos que revelam seu crescimento.

C. Poder fazer algo pelo outro ou utilizar nossos atributos o melhor possível, e não simplesmente o mínimo necessário.

Freud, em “Recordar, Repetir, Elaborar” escreve que a elaboração representa o trabalho que se faz necessário, tanto por parte do terapeuta como dos membros do grupo, a fim de superar resistências à mudança, devidas a tendências pulsionais de se apegarem a padrões habituais de descarga. É uma tarefa que se soma aos trabalhos requeridos para desvendar os conflitos e as resistências.

Zimerman diz:

“A vida psíquica é constituída por estruturas compostas por pares antitéticos (amor x ódio, partes psicóticas x partes não psicóticas etc.) os quais, dissociados e projetados, estão fundidos e confundidos... Elaborar, em resumo, é o processamento de uma integração e síntese harmônica desses elementos decompostos” (Zimerman, 2000, p. 186).

FATORES DE CRESCIMENTO NO GRUPO

D. Buscar pertencer e participar, no lugar de querer freneticamente “aparecer” Poder estar num clima gostoso, num ambiente acolhedor.

Aqui o diálogo foi entre Kaës e Bion. Kaës mostrou que o grupo tem a capacidade de ser uma espécie de “Albergue Psíquico”, com a função de ser essa psique ou mesmo acolhendo e hospitalizando suas partes enfermas, possibilitando o surgimento de algo que não se constituiu. Assim, o grupo é o lugar onde as palavras já podem ser ditas, as proibições não explicitadas podem ser anunciadas e se abrir um caminho (Kaës, 1988, citado por FERNANDES, 2003, p. 155).

Bion sempre nos ajuda com relação ao terapeuta quando fala das qualidades do analista como pessoa, que são decisivas para o processo analítico. As emoções do analista devem permitir as articulações das projeções de modo que permita se pensar sobre elas e estabelecer o vínculo do conhecimento. Paciente mais terapeuta com a capacidade de rêverie e de contenção de situações de dúvida, permitirão maior desenvolvimento mental.

E. Tentar ser um pouco menos cego, surdo e arrogante e, quem sabe, aí começar a ver o mundo com olhos reais, escutar diferentes conversas e conseguir colocar uma nova ordem no mundo interno.

Foulkes e Anthony discorrendo sobre a situação grupo-analítica e o desenvolvimento que esta proporciona, ressaltam:

“Trata-se da oportunidade que esta situação concede para a exploração do que se pode denominar de inconsciente social. Os sentimentos e reações de cada indivíduo refletem as influências sobre ele exercidas por outros indivíduos do grupo e pelo grupo como um todo, por menos consciência que ele tenha desse fato” (Foulkes e Anthony, 1967 p. 55).

Sara Ferro em trabalho descreve que:

“Um indicador de “cura analítica” aponta para a decodificação de fantasias inconscientes, com as respectivas pulsões e ansiedades, e para um trabalho que atenta nas funções do ego, cuidando do seu desenvolvimento e de procedimentos que possibilitem o transitar do processo psicanalítico pelos núcleos psicóticos e área do narcisismo do paciente” (Ferro, 2005).

DISCUSSÃO FINAL

Creio que estes cinco pontos levantados conjuntamente com os pacientes revelam algo significativo para nossa compreensão sobre o que realmente é importante para o grupo poder colaborar na avalanche de mudanças e crescimento de todos nós. Não basta apenas compreender nossos mestres, é preciso ter ousadia para levar em conta aquilo que produzimos no nosso dia-a-dia. Juntos, terapeutas e pacientes, muito podem fazer para a compreensão desse processo.

Refletindo sobre o meu papel em diferentes grupos, penso ter sido acima de tudo, o elemento que proporcionou a criação do espaço de contenção

FATORES DE CRESCIMENTO NO GRUPO

de angústias, e de surgimento de esperança, e não de trabalhos mágicos. Esperança no sentido de poderem conviver com melhor qualidade de vida, com a realidade de cada um.

O mesmo posso dizer de mim, enquanto terapeuta e pessoa. Convivendo com diferentes grupos, contive meus ideais e desejos, sobrevivi, e posso dizer com certeza que cresci muito. Pude perceber que modelos, são modelos e não há nada que se possa fazer para provar que determinado modelo é melhor que o outro. O que é preciso? É ter amor as verdades (como diz Zimerman), gostar daquilo que se faz, e também gostar dos pacientes.

O crescimento caminha a partir do aceite em frequentar os grupos, conviver com os diferentes colegas, de diferentes origens, credos e profissões; depois, a escuta passa a existir por parte de todos, havendo a possibilidade de aceitar o não desejado.

Podendo reviver no grupo suas histórias, agruras, sua miséria humana, seus benefícios e progressos, todos conseguem conviver com seus problemas concretos, já não fugindo deles, o que os fazia adoecer; mas conseguindo agora viver mais confortavelmente, embora com algum sofrimento inerente a situações de vida difíceis.

Estar na coordenação de um grupo terapêutico produz medo? Claro que sim. São tantas premissas sem respostas, são tantos momentos inusitados, tantas explosões repentinas que nos deixam à mercê da maré. Hoje aceito que devo me deixar levar pela maré, mas até o ponto em que não me afogue. Deixar-me levar até que consiga perceber que movimentos estão existindo, e esclarecê-los, conhecendo, controlando e utilizando a contratransferência.

A união de um ambiente acolhedor, com um coordenador que consegue conter, escutar, tolerar, introjetar e devolver a seus participantes algo de referência do que foi tratado, pode permitir crescimento.

Além desses fatores: estar ali presentes, conseguir ouvir uns aos outros depois de tantos ensaios realizados, de ouvir sobre seus progressos, assim como suas regressões, e serem aceitos pelo terapeuta, por si próprios e pelos colegas, percebo que algo mais ocorreu. Além de ser o grupo considerado o receptáculo de um pouco de tudo de nossas vidas, acho que seus participantes conseguem se encontrar socialmente também, podendo rir, às vezes até mesmo divertir-se.

O processo grupal parece ser algo novo e diferente para todos os membros do grupo, inclusive o coordenador. Para quem não tem regras, poderá encontrá-las; para os muito “certinhos”, um momento de pensar sobre a possibilidade de quebra de regras. Da mesma forma, romper idealizações e também criar ideais sem os quais não se vive, reviver conflitos e, quem sabe, assim como a costureira, poder cerzir os tecidos desfiados, deixando a marca, mas podendo usufruí-los com propriedade.

Os grupos evoluem, assim como seus participantes, é claro que, cada um dentro de seu ritmo, e de suas capacidades. Vivendo a ambivalência instintual que ressaltam Freud, Klein, Zimerman e Néri, conseguindo entrar em contato com o trabalho grupal, com a dor, frustração, e como disse M. Bernard (1996) falando do imaginário e das fantasias, têm papéis importantes como organizadores do grupo

FATORES DE CRESCIMENTO NO GRUPO

Para mim, o que promove crescimento é poder viver tudo isto através das estruturas evolutivas internas, do meio social, do meio ambiente familiar, profissional e da falta, e, o mais mágico de tudo, no grupo e através do grupo.

A estas questões todas que foram vistas conjuntamente, acrescento um verso de Fernando Pessoa, muito pertinente ao tema:

O meu olhar

*O meu olhar é nítido como um girassol
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda
E, de vez em quando, olhando para trás...
E o que vejo a cada momento,
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
Eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAGOYÁN, J. L. **Psicoanálisis y grupos**. México: Pax, 1987. p.125-136.
- FERNANDES, W. J. Crescimento Mental e Modelos no Processo Grupal, in: FERNANDES, B. S.; SVARTMAN, B; FERNANDES, W. J. **Grupos e Configurações Vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 131.
- FERNANDES, W. J. Aparelho Psíquico grupal e ancoragem: a contribuição de René Kaës, in: FERNANDES, B. S.; SVARTMAN, B; FERNANDES, W. J. **Grupos e Configurações Vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 155.
- FERNANDES, W. J. O narcisismo dos pacientes e terapeutas: uma perspectiva vincular. **Vínculo-Revista do NESME**, V. 6 no. 2, São Paulo: p.153, 2009.
- FERRO, S. A grupanálise como instrumento de “cura analítica” **Revista de Grupanálise – on line.pt**, ano1, No. 1, Lisboa: 2003. P. 13-18.
- FOULKES, S. H. e ANTHONY, E. J. **Psicoterapia de Grupo**, Rio de Janeiro: BUF, 1967, p.55.
- FREUD, S. Recordar, Repetir, Elaborar. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. 191-203.
- GROTJAHN, M. **Terapia Analítica de Grupo**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. P. 240-243.
- MANSO NETO. I. e BABO, T. O Termo de uma Grupanálise e a elaboração estética do conflito. **Revista de Grupanálise**, No. 1, Lisboa: p. 63, 2000.

FATORES DE CRESCIMENTO NO GRUPO

NERI, C. **Manual de Psicanálise de Grupo**. Rio de Janeiro: Imago, 1999. P. 190-191.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2000. P. 186.

Beatriz Silvério Fernandes

Endereço: Rua Turiassu, 143/134 – 05005.001 - São Paulo – SP – Brasil

E-mail: bibitriz@terra.com.br